

## A MULHER NO CANGAÇO: PROMOVENDO A LEITURA LITERÁRIA COM CORDÉIS DE IVONETE MORAIS

*The woman in Cangaço: promoting literary reading with cordéis by Ivonete Morais*

Liduína Maria do CARMO  
Mestrado Profissional em Letras  
Universidade Federal da Paraíba  
[liducarmo@yahoo.com.br](mailto:liducarmo@yahoo.com.br)

<https://orcid.org/0000-0002-5015-8725>

Moama Lorena de Lacerda MARQUES  
Universidade Federal da Paraíba  
[moama@ccae.ufpb.br](mailto:moama@ccae.ufpb.br)

<https://orcid.org/0000-0002-3569-1601>

**RESUMO:** O presente trabalho é uma proposta de prática pedagógica que tem por objetivo contribuir para a promoção da leitura literária em turmas do ensino fundamental a partir do estudo da literatura de cordel de autoria feminina. Nesse sentido, busca auxiliar na formação crítica dos adolescentes, propiciando-lhes condições de expressão de suas subjetividades e dos seus posicionamentos a respeito dos lugares da mulher na sociedade. Este tema surgiu de questionamentos feitos pelos alunos a partir de uma discussão em sala de aula sobre a Lei Maria da Penha, iniciada pela leitura de um folheto. Motivadas por essa experiência, propomos a leitura de dois cordéis escritos pela cearense Ivonete Morais, que versam sobre as vivências das mulheres no contexto do Cangaço. Em termos metodológicos, nos pautamos na sequência didática sistematizada por Cosson (2007) e, como suporte teórico, elegemos Haurélio (2010), Holanda e Rinaré (2009), Marinho e Pinheiro (2012), Negreiros (2018), entre outros. **PALAVRAS-CHAVE:** Cangaço; Ivonete Morais; Leitura literária; Literatura de cordel.

**ABSTRACT:** The present work is a proposal of pedagogical practice that aims to contribute to the promotion of literary reading in elementary school classes from the study of cordel literature by female authors. In this sense, it seeks to assist in the critical training of adolescents, providing them with conditions for the expression of their subjectivi-



ties and their positions regarding the places of women in society. This theme arose from questions made by students from a classroom discussion about the Maria da Penha Law, initiated by reading a pamphlet. Motivated by this experience, we propose the reading of two cordéis written by Ivonete Moraes, from Ceará, which deal with the experiences of women in the context of Cangaço. In methodological terms, we are guided by the didactic sequence systematized by Cosson (2007) and, as theoretical support, we chose Haurélio (2010), Holanda and Rinaré (2009), Marinho and Pinheiro (2012), Negreiros (2018), among others. **KEYWORDS:** Cangaço; Ivonete Moraes; Literary reading; Cordel literature.

## INTRODUÇÃO

Ao instante em que reconhecemos a escola como o espaço, por excelência, da promoção da leitura literária, nos deparamos, enquanto docentes, com vários desafios no intuito de promovê-la. Para começo de conversa, sabemos que, na sociedade multiletrada em que os adolescentes estão inseridos, esse tipo de leitura não ocupa um lugar de destaque, havendo muitos fatores externos que influenciam nesse sentido, como o excesso de informações automáticas de muitos meios de comunicação e as diversas possibilidades de entretenimento cultural consideradas mais atraentes, além da própria condição socioeconômica das famílias.

Como um dos resultados da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (2020), por exemplo, os livros de literatura aparecem apenas em sétimo lugar como tipo de material mais lido diariamente ou ao menos uma vez por semana, ficando atrás de jornais, livros didáticos, histórias em quadrinhos, entre outros. Já no topo das respostas para a pergunta sobre o que os entrevistados gostam de fazer no tempo livre aparecem atividades relacionadas ao entretenimento proporcionado pela cultura das mídias, como ver tv, filmes, vídeos, ou aquelas relacionadas ao uso da internet, especialmente o das redes sociais<sup>1</sup>.

Partindo, pois, da constatação desse panorama, apresentamos uma proposta de mediação do texto literário com o objetivo de fomentar o prazer pela leitura e a reflexão crítica, utilizando procedimentos sugeridos por Rildo Cosson (2007) em sua obra *Letramento literário: teoria e prática*. Assim sendo, sugeriremos atividades que podem

---

<sup>1</sup>Para conferir outros resultados da pesquisa, acessar os dados da sua mais recente edição: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em 23 abr. 2022.

contribuir para a melhoria das competências de leitura, tendo no cordel um potencial estético e didático para a realização delas.

Nossa escolha pelo cordel se deu porque ele permite contato com uma variedade de temas importantes de serem discutidos em sala, a exemplo da situação da mulher na sociedade, dos seus direitos e das suas lutas; tema este que pode mobilizar debates fundamentais, tendo em vista que a escola é, também, um espaço para formação de cidadãos, como nos lembra Pinheiro (2018, p. 16): “textos que discutam preconceitos sociais, étnicos e questões de gênero suscitam debates às vezes calorosos e podem contribuir para a formação humana dos leitores”. Para tanto, elegemos dois cordéis da cearense Ivonete Moraes que retratam as violências e as resistências que marcaram a trajetória das mulheres que integraram o Cangaço, a saber: *Histórias das mulheres no Cangaço* e *Maria Bonita: a rainha do Cangaço*.

## A LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA

A literatura de cordel carrega em si toda uma expressividade e historicidade relacionadas a nossa cultura popular, por isso é de extrema importância levá-la para a sala de aula, devendo ser trabalhada como prática sociodiscursiva e em suas especificidades literárias. Assim, o(a) professor(a) terá a oportunidade de proporcionar ao(à) aluno(a) um despertar para a fruição da leitura, a busca pelo conhecimento de outros gêneros, o amadurecimento do senso crítico e a ampliação da sua capacidade de observação da realidade social, histórica e política, pois é uma das produções mais significativas da cultura nordestina, cujos textos podem se mostrar como grandes aliados nas estratégias de leitura, de produção escrita e também na compreensão de fatos da realidade cotidiana. Se introduzida nas aulas de forma dinâmica e atenta a suas especificidades, contribui para a construção do conhecimento e o aprimoramento do aprendizado dos nossos alunos e das nossas alunas. Marinho e Pinheiro (2012, p. 125) alertam, porém, que o trabalho com o cordel pressupõe:

[...] uma atitude humilde, receptiva diante da cultura popular para poder apreender-lhe os sentidos e não interpretá-la de modo redutor. Não se trata, por outro lado, de hipervalorizar as produções culturais de vertente popular, mas de compreendê-las em seu contexto, a partir de critérios estéticos, para poder perceber sua dimensão universal.

Propor um trabalho com a literatura de cordel é, portanto, oferecer um leque de recursos que poderá ajudar na melhoria das competências de leitura, na apreensão

da linguagem não verbal (por meio da análise da xilogravura), na apreciação artístico-literária e na formação cidadã. Muitos cordéis, por exemplo, procuram denunciar as injustiças sociais, as violências contra as mulheres, a população negra, entre outras minorias sociais. Falta, no entanto, o seu reconhecimento e a sua valorização, mostrando-se a sala de aula como um espaço oportuno para isso.

Marinho e Pinheiro (2012) sugerem que um procedimento metodológico que oriente o trabalho com o cordel deverá partir do diálogo com a cultura da qual ele emana. Assim, orientamos os professores e as professoras que recolham da própria comunidade escolar (alunos, funcionários, pais) relatos e vivências das experiências locais, procurando descobrir as formas poéticas que circulam em cada contexto educativo.

Entre as diversas atividades que podem ser sugeridas e executadas em sala de aula com a literatura de cordel, a imprescindível é, sem dúvida, a leitura oral. Para Galvão (2001, p. 154), “além de a história ser bonita”, seu leitor deveria ter habilidades específicas para que os demais desfrutassem de sua leitura da maneira mais prazerosa possível”. Se o(a) docente que está em sala não evidenciar, por exemplo, uma admiração na hora da leitura, acarretará uma desmotivação na turma.

Durante a leitura, o corpo reage ao texto, respondendo aos estímulos psicoemocionais, numa espécie de vibração, uma vez que “é materialização incomparável daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo” (ZUMTHOR, 2007, p. 28). Para o autor, os(as) leitores(as) da poesia oral são considerados(as) como potenciais promotores de uma interpretação, que envolve fatores físicos e psicológicos refletidos no movimento do corpo, na hora da recepção da leitura, já que é pela forma como a vivenciamos que o seu efeito estético é conferido.

Marinho e Pinheiro (2012) também afirmam a importância de ler por si, sugerindo, ainda, alguns questionamentos que os(as) professores(as) precisam fazer antes mesmo de introduzir os textos que serão lidos, a exemplo de sondar de que os(as) alunos(as) gostam, quais são seus interesses imediatos, que experiências culturais lhes são mais determinantes. E acrescentam:

A partir daí ele poderá partir de uma história que de modo ou de outro, possa tocar seus leitores. A porta de entrada é fundamental. Depois se vai ampliando a experiência de leitura, vai se abrindo a visão às vezes estreita do leitor adolescente. Partindo do princípio de que o gosto pode e deve ser educado, é fundamental insistir na leitura- não só de cordel. E leitura muitas vezes como trabalho na busca de significação. (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 127).

Segundo Antunes (2003, p. 66), a leitura “[...] é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor”. Partindo desse pressuposto, ela seria um fundamental meio de poder, que permite ao(à) aluno(a) ter vez e voz, proporcionando-lhe criar e interagir na sociedade em que vive.

Nessa perspectiva, a literatura de cordel, com base na oralidade, pode contribuir expressivamente para a reflexão, o desenvolvimento do senso crítico sobre os fatos que circundam seus(suas) leitores(as), a habilidade oratória e o acondicionamento das ideias. Também pode auxiliar as emoções e opiniões, uma vez que versa, como comentamos anteriormente, sobre diversos assuntos, englobando críticas sociais, políticas e opiniões dos próprios cordelistas, fazendo desse gênero uma forte fonte didática e educativa, que servirá de base para discussões e questionamentos. Alves (2008, p. 107) destaca que

É justamente a partir desse momento que se torna possível desenvolver o senso crítico do aluno, levando-o a perceber não só a sua posição no mundo como também a posição do outro, representada nos diversos contextos sociais. O contato com a Literatura de Cordel pode ser capaz de proporcionar aos alunos uma ampliação de sua capacidade de enxergar as diversidades sociais, políticas, econômicas e culturais de nosso país, principalmente do Nordeste, palco de tantas disparidades.

Realizar a mediação do cordel em sala de aula implica a ideia, como lembram Marinho e Pinheiro (2012, p. 127),

[...] de sugerir atividades e procedimentos para serem trabalhados na realidade escolar, não como um receituário, antes como pistas para fazer com que a literatura de cordel possa ser experimentada, vivenciada pelos leitores e não apenas observada como algo exótico para alguns.

Diante disso, deve ser proposta uma abordagem metodológica não como uma fórmula pronta, mas partindo da realidade sociocultural da turma; as diferentes realidades e os objetivos é que vão determinar em que situações e por meio de quais metodologias os folhetos devem ser trabalhados.

## **A LITERATURA DE CORDEL E A AUTORIA FEMININA**

A literatura de cordel no Brasil era marcadamente masculina, evidenciando o silêncio e a reclusão femininas, como relembra a cordelista Rosário Pinto (2019, n.p.):

A mulher na sociedade patriarcal era reclusa aos cuidados do lar e à educação dos filhos, à satisfação social do marido. Sua educação não ia além das possibilidades de contar histórias e contos de encantamentos para os filhos, das cantigas de ninar; ler e escrever livros de receitas, quando muito valia o jargão “se uma mulher aprende a ler, será capaz de receber cartas de amor”.

Nesse contexto patriarcal, foram escritos os primeiros cordéis no Brasil. Os temas que faziam referência às mulheres apresentavam sempre a mulher frágil e virgem, que era salva por um homem forte e corajoso, ou a mulher estigmatizada como aquela que enganava o marido com suas maldades e faceirices.

No início do século XX, até meados dos anos 50, época da efervescência dos cordéis, os editores separavam uma quantidade significativa de seus folhetos e iam distribuindo por todo o nordeste brasileiro. Os poetas frequentavam as feiras, principalmente em festas de padroeira ou quando aconteciam visitas de pessoas ilustres, como políticos e religiosos. Nessas ocasiões, abriam seus caixotes e declamavam os cordéis que queriam vender. O cordelista Rodolfo Cavalcante, em entrevista à pesquisadora Martine Kunz (2003, p. 153), nos conta:

Antigamente o trovador de cordel vivia exclusivamente dos seus livros, ele ia ter contatos com o público, ele ia pra feiras, cantava. Eu, por exemplo, transmitia a minha mensagem lendo os meus folhetos, fazia graça, assumia o papel do personagem no folheto, se chorasse, eu chorava; se gritasse, eu gritava. Tinha outros que cantavam. Hoje, o mercado não é como era. Hoje, nós vendemos, mas sem ler, sem cantar os nossos folhetos. E olhe que o povo do interior só compra o folheto depois que a gente canta ou lê em voz alta para a assistência.

Esses vendedores selecionavam grandes quantidades de folhetos e viajavam de trem ou montados nos lombos de animais, com enormes caixotes, e saíam para várias cidades nordestinas com o intuito de vender seus cordéis. Foi nesse cenário que a cordelista Maria das Neves Batista Pimentel publicou, em 1938, o que hoje é considerado, por pesquisadoras como Carvalho e Oliveira (2016, p. 122), o primeiro cordel de autoria feminina: *O violino do diabo ou o valor da honestidade*. Vejamos:

Mesmo agindo de acordo com o mundo à sua volta, permanece o fato de que Maria das Neves foi a primeira mulher a produzir e publicar folhetos de cordel, rompendo, desse modo, a hegemonia de décadas de poetas e cantadores masculinos, inclusive no âmbito familiar em que os pais e os irmãos encabeçavam os grandes nomes da poesia

popular. Por ser herdeira de Francisco das Chagas Batista, considerado o “braço poético do Nordeste”, foi também natural, de certa forma, que a cordelista acabasse se dedicando à poesia popular.

O fato de ser filha de um poeta, editor de cordel e dono de livraria pode ter facilitado a impressão e venda dos seus folhetos, ainda mais se levarmos em consideração o contexto de silenciamento e apagamento no qual as mulheres viviam. Em meio a ele, Maria das Neves precisou usar, como tantas escritoras ao longo da História, um pseudônimo, cujo primeiro nome era, na verdade, o do marido: Altino Alagoano. Em entrevista feita com ela no ano de 1993, pela pesquisadora Maristela Barbosa de Mendonça, a cordelista esclarece:

Todos os folhetos que foram vendidos na Livraria de meu pai ou que foram impressos tinham o nome de homem, eram homens que faziam, não existia, naquele tempo, folheto feito por mulher, e eu, para que não fosse a única, né?, meu nome aparecesse no folheto, não fosse eu a única, então eu disse: – Eu não vou botar meu nome. Aí meu marido disse: – Coloque Altino Alagoano. (QUEIROZ, 2006, p. 57).

Fica evidente, em sua fala, que ela sabia que o fato de ser mulher limitava suas possibilidades e que, por este motivo, era levada a ocultar a identidade e criar um codinome literário; codinome este forjado sob a escolha do marido. E, assim como acontecera com ela, é provável que outras cordelistas, à época, também tenham publicado por meio de pseudônimos masculinos, o que terá apagado vários nomes de mulheres da História do Cordel, como Santos (2008, p. 17) afirma:

Nesse contexto, embora as mulheres cantassem e até publicassem, a exemplo de Maria das Neves Pimentel – uma mulher cordelista que para poder escrever e publicar no contexto da época, profundamente marcado por valores patriarcais, teve que se encobrir com um pseudônimo masculino, Altino Alagoano -, elas ainda não tinham um espaço seu e não haviam criado seus agenciamentos coletivos de enunciação. No entanto, elas existiam, elas cantavam e esse cantarolar – devir-mulher –, já constituía saltos para a futura construção de seu território.

A cordelista em questão acreditava, então, que, usando o pseudônimo masculino, teria seus folhetos aceitos pelo público. Além de se esconder por trás de um nome masculino, ela teve que, em seus versos, apelar para valores da época, pautados no perfil da mulher recatada, procriadora e obediente ao marido, pois era esse perfil que constava

nas histórias que eram vendidas. Não era de se estranhar, pois, que ela os reproduzisse, exaltando o que era considerado como honra e virtudes femininas:

A virtude é um lago / De águas bem cristalina, / Um espelho de diamante, / Uma joia rara e fina / Onde o vício não pode / Lançar a mão assassina. // A mulher honesta e boa / De perfeita educação / É o cofre onde a virtude / Faz sua morada, então. / O homem mais sedutor / Não mancha seu coração! (ALAGOANO, 1981, p. 1).

Maria das Neves não conseguiu revelar sua verdadeira identidade por medo de que seus versos não fossem aceitos pela sociedade da época, mas oportunizou que outras mulheres entrassem no mercado literário do cordel. De início, as novas cordelistas escreviam a partir de padrões masculinos, mas, aos poucos, foram registrando anseios próprios, além de abordar temas sociais e políticos que eram considerados manipuláveis apenas por homens. Nas palavras de Santos (2008, p. 80), temos que:

A presença feminina como autoras de cordéis, apesar de herdar a tradição, também vai instituir uma outra autonomia. Elas vão ressignificar a literatura de cordel a partir de temas próprios, como o feminino, ecologia, saúde da mulher, etc., ao mesmo tempo em que inauguram outros espaços de veiculação do cordel, como escolas, passeatas, instituições, universidades.

Hoje, graças, sobretudo, às conquistas dos movimentos sociais protagonizados por mulheres, que incidem também no sistema literário, temos um número significativo de cordelistas em todo o Brasil e, principalmente no Nordeste, que escrevem sobre as mais variadas temáticas.

## OS CORDÉIS DE IVONETE MORAIS

Maria Ivonete Bezerra de Moraes (Ivonete Moraes) é cearense, nascida na capital, filha de Antônio André de Moraes e Maria Ivone Bezerra de Moraes. É socióloga, formada pela universidade de Fortaleza (UNIFOR), com especialização em Família, numa abordagem sistêmica, pela universidade Federal do Ceará (UFC). Começou a fazer cordel com 50 anos de idade, em 2004, quando participou de um curso de literatura de cordel promovido pela prefeitura de Fortaleza e ministrado pelo cantador de viola cearense Zé Maria de Fortaleza, na casa dele, localizada na capital do Ceará. Seu primeiro cordel, intitulado *O amor de A a Z, virtudes indescritíveis*, foi produzido por incentivo da também cordelista cearense Maria Luciene, que, em 2003, a convite de Ivonete, elaborou um

Revista X, v. 17, n. 3, p. 1089-1108, 2022.

cordel para ser declamado no aniversário desta<sup>2</sup>. Em entrevista concedida a também cordelista e pesquisadora Francisca Pereira dos Santos (2008, p. 75), Ivonete diz:

Eu conheci uma cordelista, Luciene Maria. Ela fazia parte de um projeto. Naquela época, que foi 2003, eu a convidei para fazer um cordel de minha vida, para ser lido na hora do meu aniversário. E ela veio aqui em casa e passou uma tarde e eu contei toda a minha história desde a infância até os dias de hoje, né? Ela fez o cordel e viu alguns rascunhos meus e disse assim: “Ivonete, você é uma cordelista sim.”

A partir de então, mostrou interesse em escrever seus cordéis e, por incentivo de Luciene Maria, foi fazer um curso de literatura de cordel com o mestre José Maria de Fortaleza, como ela relata naquela mesma entrevista:

Foi que eu conheci as regras de como fazer um cordel e realmente eu descobri... foi descoberto que eu era uma pessoa que podia desenvolver essa arte da literatura de cordel. [...] Eu fiz o curso no Centro de Referência do Professor, que fica no centro da cidade. Foi um curso que eu aproveitei bastante. Esse curso, ele é muito criticado por alguns cordelistas por que diz assim: “O Zé, o professor Zé Maria de Fortaleza está criando cordelista e as pessoas não entendem que nós nascemos com o dom.” No caso, quem vai naquele curso, quem não é cordelista, ele vai se auto relacionando e vai embora... e quem fica é porque realmente é cordelista. (SANTOS, 2008, p. 75).

Seu primeiro cordel recebeu, na época, o prêmio de primeiro lugar em um concurso de poesia promovido pelos funcionários públicos do estado do Ceará. Em *O amor de A a Z: virtudes indescritíveis*, como o próprio título sinaliza, a cordelista versa sobre as virtudes do amor; para cada estrofe, usa as letras do alfabeto em ordem e define os tipos de amor, sempre enaltecendo-o. Foi a partir desse cordel, que surgiu na cordelista a vontade de continuar fazendo folhetos.

Ivonete Moraes sempre valorizou a cultura popular através dos maracatus, reisados, repentes de viola, poesias de cordel, cirandas, entre outros, ouvindo e dançando o forró pé de serra, especialmente do Luiz Gonzaga e Dominginhos, e aperfeiçoou-se em fazer versos rimados. Hoje, a cordelista já conta com vários cordéis publicados, recebeu alguns prêmios e é membro da AESTROFE – Associação de Escritores, Trovadores e Folheteiros do Estado do Ceará.

---

<sup>2</sup> Os dados biográficos sobre a cordelista foram retirados das contracapas dos seus cordéis.

Caracterizada com trajes que lembram a mulher no Cangaço, uma referência a um imaginário feminino de força e luta, a cordelista em questão tem na sua essência a verve de uma cultura tradicional nordestina, sendo frequentemente convidada a participar de vários eventos no Ceará, mas também fora do Estado, e ministrando palestras socioeducativas. Entre os inúmeros eventos dos quais a cordelista participou, destacamos a Bienal Internacional do Livro, o Encontro Estadual dos Cordelistas, o Festival de Violeiros e a Associação Cultural do Cordel em Caruaru.

Até o presente momento, ela publicou setenta cordéis, com destaque para *Rapadura*, *Bodega*, *Lampião*, *Luís Gonzaga: o rei do Baião*, *Pau de arara* e *Brinquedo do sertão*. Seus temas vão desde os elementos culturais e gastronômicos do Nordeste, como a rapadura, o vaqueiro, Lampião e Maria Bonita, espelhados nos gostos do próprio pai, que adorava escutar o rei do baião, Luiz Gonzaga, até temas mais políticos, como aqueles relacionados às lutas e conquistas das mulheres. Seleccionamos, para esta proposta, dois que abordam questões relativas às vivências femininas dentro do contexto do Cangaço: *Histórias das mulheres no Cangaço* e *Maria Bonita: a rainha do Cangaço*.

Central aos cordéis citados, a trajetória das mulheres nos bandos de cangaceiros apresenta, no ano de 1930, um momento marcante, quando Maria Gomes de Oliveira, Maria Bonita, entra para o bando de Lampião e, a partir de então, abre precedentes para que outras mulheres também participem. A esse respeito, Negreiros (2018, p. 28) nos informa que

[...] a filha de Zé de Felipe passaria a viver maritalmente com Lampião. Assim, nos primeiros meses de 1930, Maria Gomes de Oliveira se tornaria a primeira cangaceira da história do Brasil. Antes dela, nunca, em momento algum, uma mulher acompanhara o grupo de bandoleiros. Muitos tinham suas companheiras, mas não permitiam que os seguissem.

Ancorado na história da cangaceira, o cordel *Maria Bonita: a rainha do Cangaço* narra a vida de uma mulher bonita e cativante, que, ainda na adolescência, se apaixona por Lampião e foge de casa com ele. Vejamos:

Maria era baixinha,  
Rechonchuda, cativante,  
Considerada mulher  
Bonita e interessante;  
Ela era boa filha,  
Tinha um jeito elegante.

E Lampião a chamou  
Pra no bando se integrar.  
Maria Bonita aceitou  
Pra sua história contar,  
Primeira mulher no cangaço,  
Que no bando veio entrar.  
(MORAIS, 2016, n.p.)

Além da apresentação das características físicas da cangaceira, que ajuda o(a) leitor(a) a melhor delinear, em termos de imaginação fotográfica, o seu perfil, a cordelista enfatiza não apenas o pioneirismo e a coragem daquela que é considerada a primeira mulher do Cangaço, como os usa para moldá-la como símbolo de luta das mulheres. Marcando, na narrativa, o machismo que rodeava Maria Bonita e as diversas violências sofridas por esta, reforça a sua resistência em estrofes como as citadas abaixo:

Era vítima do machismo,  
A violência enfrentava;  
Demonstrou grande coragem,  
Pelo jeito que lutava;  
E com a sua brabeza  
Junto ao bando caminhava.

[...]

Heroína ou bandida,  
Ela teve sua história  
De guerras, de muitas lutas,  
E naquela trajetória  
Vivia à margem da lei  
Muitas vezes sem vitória.

O cangaço a transformou  
Numa mulher corajosa,  
Decidida e resoluta  
E também tão valorosa,  
Num lugar tão violento,  
Ela era bem jeitosa.  
(MORAIS, 2016, n.p.)

Tensionando, pois, as facetas da cangaceira reforçadas pelo imaginário popular, Ivonete revela as tristezas e as dificuldades enfrentadas, a exemplo do fato de ter que entregar a filha, Expedita, para adoção, o que era recorrente entre as mães que integravam

os bandos, em virtude das adversidades e dos riscos que a vida em meio à caatinga impunha.

Seguindo a trajetória de Maria Bonita, vemos relatada, ainda, a emboscada na qual não apenas ela, mas Lampião e outros cangaceiros, foram mortos. Antes disso, porém, a cordelista insere uma referência a outra cangaceira famosa, Dadá, companheira de Corisco, que também irá aparecer no segundo cordel do qual sugerimos a leitura. A imagem desta figura, nos versos, para reforçar a valentia e a “valia”, outra palavra usada por Ivonete, da mulher cangaceira:

Maria Bonita, Dadá,  
Uma dupla de guerreiras,  
Enfrentavam os combates,  
Eram lutas verdadeiras;  
E estas duas figuras  
Eram grandes cangaceiras.  
(MORAIS, 2016, n.p.)

Já o cordel *História das mulheres no Cangaço*, além de reforçar o perfil feminino corajoso e combativo, denuncia o contexto de extremo machismo, marcado pelo silenciamento e pela falta de autonomia na vida das mulheres, como uma das razões para o ingresso nos bandos. As sertanejas, muitas vezes, deixavam as famílias para fugir das opressões que viviam em casa. As três primeiras estrofes nos oferecem essa contextualização. Vejamos:

As mulheres no cangaço  
Eram guerreiras formosas,  
Com desejos, frustrações,  
Porém bastante engenhosas  
E ingressaram nos bandos  
Porque eram corajosas.

Por motivos variados,  
Carregadas de ilusão,  
Aderiram ao cangaço...  
Muitas tinham a sensação  
Que dos seus anonimatos  
Teriam libertação.

Dia a dia complicado  
O real as revelou,  
A violência nas lutas  
Muito cedo começou,  
Caminhavam sob o Sol,  
Nenhuma desanimou.

(MORAIS, 2007, n.p.)

No entanto, a desejada autonomia esbarra nas diversas violências e dificuldades enfrentadas, algumas delas já expressas no cordel anterior. Além da geografia e do clima que castigavam os afazeres cotidianos, elas se viam submissas aos desejos e às vontades dos seus companheiros e de outros cangaceiros, tendo que obedecer a duros códigos de honra, como encontramos nas passagens abaixo:

Sem contatos com a família,  
Sentenciadas à morte  
E se houvesse adultério,  
Não contavam com a sorte,  
Elas se submetiam,  
Não tendo, nenhum suporte.

[...]

Enfrentaram o machismo,  
Sem ter outra opção,  
Eram esses seus destinos  
E morriam no Sertão,  
A lei era a violência  
Em qualquer situação.  
(MORAIS, 2007, n.p.)

Como exemplo da violência que integrava esses códigos, Ivonete lembra o castigo dado à cangaceira Lídia, acusada de trair seu companheiro com outro cangaceiro e, por isso, morta a pauladas por aquele:

Lídia ficou conhecida  
Por “cangaceira fogosa”,  
Pois traiu o seu parceiro.  
Ela era muito formosa,  
Mas foi morta por pauladas  
De uma maneira horrorosa.  
(MORAIS, 2007, n.p.)

Outras camadas desse cenário de violências são também desveladas. Nos versos, além de encontrá-lo junto ao próprio companheiro e ao bando, as mulheres enfrentavam nos confrontos com a força policial, conhecida como volante. Nesse sentido, a cordelista aponta, por exemplo, a imposição de violências físicas, como o estupro:

As forças policiais  
Mulheres capturavam;  
Elas eram estupradas,  
Sofriam e apanhavam,  
Tinham uma vida insegura  
No caminho que trilhavam.  
(MORAIS, 2007, n.p.)

Mais uma vez lançando referências às duas cangaceiras de maior reconhecimento, Maria Bonita e Dadá, Ivonete as amplia, citando, em duas estrofes seguidas, os nomes de muitas outras mulheres:

A lista das cangaceiras:  
Neném, Lídia, Durvalina,  
Maninha e Iracema,  
Dadá, Maria Jovina,  
Maria Ema e a Mocinha,  
Mais Hortênci e Catarina.

Tinha Cristina e Maroca,  
Rosalina, Estrelinha,  
Eleonora e a Dulce,  
Moça, Dora, Mariquinha,  
Lili, Lucinha, Marina,  
Mais Adília e Inacinha.  
(MORAIS, 2007, n.p.)

A escolha por registrar seus nomes é um modo de homenageá-las e chamar a atenção para sua importância na História do Cangaço, narrada, a maior parte das vezes, apenas sob a ótica masculina. Similar à imagem construída pelo imaginário popular a respeito de Maria Bonita que Ivonete recuperou, a fim de problematizar, no primeiro cordel comentado, novamente ela lembra que as cangaceiras eram vistas pela população ora como heroínas, ora como bandidas. No entanto, sem apelar para esses extremos, que pouco dizem da complexidade da vida dessas mulheres, ao relatar as opressões a elas impostas e um múltiplo de violências, bem como sua resistência, a autora em questão oferece uma versão interessante para ser levada à sala de aula, podendo ser utilizada não apenas pelos(as) docentes de Língua Portuguesa, mas de História, Artes e outras áreas. No nosso caso, os dois cordéis mobilizaram a oficina que propomos a seguir.

## **A MULHER NO CANGAÇO: PROPOSTA DE OFICINA**

A proposta que sugerimos para a mediação dos cordéis de Ivonete Moraes foi pensada, a princípio, para turmas de sétimos anos; no entanto, acreditamos que as atividades podem ser desenvolvidas em outros anos do ensino fundamental, considerando, claro, as especificidades de cada série e de cada turma. Planejada para ser executada em dois momentos, para o primeiro, a ser promovido em duas aulas, de preferência, sequenciadas, sugerimos uma roda de conversa, por meio da qual seriam feitas algumas perguntas sobre o que a turma sabe a respeito da literatura de cordel. Essa abordagem introdutória tem como objetivo principal investigar o que os(as) alunos(as) conhecem a respeito do gênero: seu conceito, sua história, sua importância, entre outras questões. Após esse diálogo inicial, elegemos três cordéis para serem lidos, todos de autoria feminina: dois de Dalinha Catunda, com *Apologia ao cordel* e *Cordel no embalo das redes*, e um de Rosário Pinto, *O poeta e o folheteiro*; ambos versam sobre a história do gênero cordel, possibilitando aos(às) alunos(as) conhecerem-na a partir de seus principais acontecimentos.

Como proposta de sondagem, a partir desses cordéis, o(a) professor(a) pode investigar as práticas de leitura da turma, o que os(as) alunos(as) conhecem de literatura e o que sabem, particularmente, sobre o cordel; para isso, ele(ela) pode levar, impressas, em fitas de papel, palavras associadas ao gênero, tais como: **xilogravura, folheto, cordel, violeiro, poesia popular, cordelista**, entre outras que considerar relevantes para adentrar no universo dos folhetos. O(a) professor(a) deve, então, perguntar o que sabem sobre essas palavras, o que elas lhes suscitam; após as respostas, sugerimos que os(as) alunos(as) coleem, em ordem alfabética, essas fitas em um painel e, em seguida, conceituem esses verbetes de acordo com os conhecimentos que adquiriram. Dessa forma, os significados que já são do campo semântico dos(as) alunos(as) serão reforçados e aqueles desconhecidos serão introduzidos.

Ainda nessa ocasião, orientamos que sejam levados alguns folhetos impressos, de preferência, de autoria feminina, para a turma ir se familiarizando com o gênero, incluindo o suporte onde costumam circular. Esses folhetos serão distribuídos, a fim de que sejam folheados livremente. Orientamos, ainda, que, se possível, os(as) alunos(as) levem os cordéis para serem lidos em casa, junto a seus familiares, como uma forma de aproximá-los(as) mais do gênero, formando uma rede de leitores(as) em torno do cordel. Na aula seguinte, o(a) professor(a) poderá realizar uma roda de conversa sobre as leituras feitas, para que, de forma espontânea, os(as) alunos(as) possam manifestar suas impressões.

Considerando o tema da proposta, **A mulher no Cangaço**, e a obra de Ivonete Moraes, os folhetos selecionados, como apresentamos anteriormente, são: *Maria Bonita*:

*a rainha do Cangaço e Histórias das mulheres no Cangaço*. Partindo da metodologia da sequência didática proposta por Cosson (2007), o segundo momento deve ser iniciado com a etapa da **motivação**, a ser realizada em uma aula. Para ela, sugerimos um vídeo<sup>3</sup> explicativo sobre como fazer um cordel, a exemplo do da cordelista paraibana Anne Karolyne. Nele, ela explica, passo a passo, o processo de composição. Um aspecto interessante desse vídeo é o fato de a cordelista vestir trajes nordestinos que lembram a indumentária de Maria Bonita, tema dos dois cordéis selecionados.

Após a exibição do vídeo e o subsequente diálogo sobre ele, deve ser promovida, também em uma aula, a etapa da **introdução**. Nesse momento, apresenta-se a cordelista Ivonete Moraes com a exibição de um vídeo<sup>4</sup> em que ela é entrevistada e conta a sua história de vida. Logo após, os(as) alunos(as) ficarão livres para relatarem, oralmente, suas impressões a respeito da entrevista.

Na etapa da **leitura**, que sugerimos durar duas aulas, serão lidos os dois cordéis selecionados, que versam sobre as mulheres no Cangaço, suas trajetórias de vida, as violências sofridas, bem como suas conquistas, num ambiente marcadamente masculino. Entre essas mulheres, estão Maria Bonita, Dadá, Lídia, Durvalina, Maria Jovina, Mocinha, Nenem e tantas outras que, em meio a uma sociedade que impunha um papel social muito específico para a mulher, entraram em um movimento que já era por si contrário à ordem vigente, evidenciando um ato de coragem e resistência à marcação de diversos estereótipos de gênero. Essas mulheres eram pessoas comuns que viviam nos sertões nordestinos, e, muitas vezes, se sentiam atraídas pela possibilidade de mudar um destino marcado por um papel de submissão dentro da família, um casamento arranjado, afazeres domésticos impostos somente a elas, entre outras limitações e violências cotidianas.

Nos cordéis escolhidos, Ivonete Moraes versa, como comentamos, sobre a trajetória dessas mulheres, começando por Maria Bonita, que foi a primeira a ser aceita no Cangaço, dando possibilidades para outras ingressarem. Com o intuito de iniciar a etapa da leitura, propomos que, primeiro, o(a) professor(a) leia os versos em voz alta para a turma e, depois, seja feita nova leitura, alternando vozes diversas; de preferência, escolhidas em sala de maneira espontânea, considerando os(as) alunos(as) que se disponibilizarem. Para essa segunda leitura, é importante que se peça aos (as) alunos(as) que prestem atenção também às rimas e à estrutura de cada estrofe. Finalizada, orientamos que sejam reforçadas, ilustrando com os cordéis lidos, as principais características do um

<sup>3</sup>Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=IG7XU7B\\_8K4&t=13s](https://www.youtube.com/watch?v=IG7XU7B_8K4&t=13s). Acesso em 23 abr. 2022.

<sup>4</sup>Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_pauqsuDyuQ](https://www.youtube.com/watch?v=_pauqsuDyuQ). Acesso em 23 abr. 2022.

cordel, anteriormente apresentadas na etapa da motivação, especialmente por meio da exibição dos vídeos.

Antes da análise dos dois textos, já na etapa da **interpretação**, a ser realizada em, ao menos, duas aulas, sugerimos a audição da música de Zé Ramalho *Mulher Nova Bonita e Carinhosa Faz O Homem Gemer Sem Sentir Dor*<sup>5</sup>, que narra histórias que têm a mulher como personagem, mas ainda tratada de maneira passiva, apenas com destaque para a sua beleza e para servir ao companheiro, este, sim, apresentado como o grande herói. A ideia é promover uma discussão crítica a partir da letra, deixando entrever que muitas mulheres atuantes na História, por exemplo, aparecem apenas como figurante ao lado do homem. Para essa etapa, o(a) professor(a) pedirá aos(as) alunos(as) para pesquisarem, em seus celulares ou na sala de informática, caso haja, sobre os casais apresentados na música e nos cordéis lidos, a saber: Menelau e Helena, Alexandre e Roxane, Lampião e Maria Bonita e Corisco e Dadá. Após as pesquisas, eles devem destacar, na sala, oralmente, quem são esses casais e qual é a sua importância. Essa atividade pode ser feita em grupos, com cada um deles ficando responsável pela pesquisa sobre um casal.

Ainda reunidos em grupos, serão discutidas algumas questões em relação aos textos trabalhados; questões estas que exploram tanto os recursos estruturais quanto a temática da mulher na sociedade e, em particular, no Cangaço. Fica a cargo de cada professor(a) decidir se, após o momento de discussão nos grupos, estes precisam entregar as respostas por escrito ou se haverá apenas uma socialização oral das discussões realizadas, dessa vez com a turma toda reunida. A seguir, sugerimos algumas questões, que podem ser adaptadas de acordo com as especificidades de cada planejamento:

- 1) O cordel *Maria Bonita: a rainha do Cangaço* apresenta a mais famosa cangaceira como protagonista da sua própria história. Cite versos que comprovem essa afirmação.
- 2) Segundo os versos de Ivonete Moraes, por que Maria Bonita pode ser considerada um símbolo do feminismo, uma “mulher de valia”?
- 3) Constatamos, ainda no cordel em questão, que a vida de Maria Bonita não foi marcada apenas por conquistas. Quais dificuldades em sua trajetória são expostas e o que elas refletem do lugar da mulher na sociedade da época?
- 4) Você percebe diferenças entre os perfis femininos retratados na canção de Zé Ramalho e aqueles delineados no folheto *História das mulheres no Cangaço*? Justifique sua resposta, buscando ilustrá-la com passagens da letra e do cordel.
- 5) A liberdade almejada pelas mulheres que entraram para os bandos é apresentada

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VemfXKb4QiY>. Acesso em 23 abr. 2022.

como uma ilusão nos versos de *História das mulheres no Cangaço*. Por quais razões isso acontece?

- 6) De acordo com os cordéis lidos, como as cangaceiras eram vistas pela sociedade?
- 7) Os dois folhetos têm a mesma estrutura? Fale um pouco dela, considerando a métrica, as rimas, entre outros elementos estudados anteriormente.

Ao final da proposta, caso o(a) professor(a) sinta que a turma está motivada para a escrita e já bem familiarizada com a estrutura do gênero, em duas aulas reservadas apenas para o processo de escrita, o(a) professor(a) deve pedir aos(as) alunos(as) que se reúnam nos mesmos grupos para produzirem um cordel sobre uma das cangaceiras citadas nos textos de Ivonete Moraes, a exemplo do que esta fez a partir da história de Maria Bonita. Para tanto, é necessário que o(a) docente oriente que a turma pesquise, na internet e em outras fontes, diversas informações sobre a cangaceira escolhida, a exemplo de: lugar de nascimento, características físicas, personalidade, papéis no Cangaço, entre outras que julgar importantes. Após a entrega, poderá ser realizada uma atividade de confecção de livretos de cordel, cujo processo deve ser auxiliado pelas orientações disponibilizadas nas últimas páginas do livro *Cordel: criar, rimar e letrar*, dos autores Arlene Holanda e Rouxinol de Rinaré, que deixamos como sugestão bibliográfica para os(as) docentes.

Por fim, sugerimos, ainda, que, num momento oportuno, esses cordéis sejam apresentados à comunidade escolar num sarau literário, ou outra atividade similar, e fiquem disponibilizados na biblioteca escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o trabalho com a sequência didática proposta nessa atividade permitirá aos nossos alunos e às nossas alunas terem uma formação de cidadãos-leitores, ao possibilitar uma melhor compreensão do gênero literatura de cordel para além do estudo da mera estrutura do texto.

Estudar cordel em sala de aula pressupõe conhecer a estrutura composicional desse gênero, mas também explorar os mais diferentes assuntos em seu conteúdo temático, o que, nesta proposta, diz respeito às violências e resistências que marcam as vidas das mulheres no Cangaço. Dessa forma, acreditamos que os(as) participantes terão a oportunidade de enriquecer e ampliar suas visões de mundo.

Por fim, esperamos que esta proposta de mediação do cordel de Ivonete Moraes possa circular e alcançar espaço nas salas de aula por apresentar diversos recursos que podem ser explorados em práticas pedagógicas, permitindo ao(à) educando(a) o despertar

da sensibilidade e da criticidade. Além disso, desejamos que proporcione a expansão de práticas de oralidade e de leitura, abrindo um leque de oportunidades para outras propostas voltadas ao letramento literário.

## REFERÊNCIAS

ALAGOANO, Altino. **O violino do diabo ou o valor da honestidade**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1981.

ALVES, Roberta Monteiro. Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala. **Fórum Identidades**, Sergipe, v. 4, n. 4, p. 103-109, jul./dez. 2009.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

CARVALHO, Elanir França de; OLIVEIRA, Leticia Fernanda da Silva. Maria das Neves Batista Pimentel: a voz por trás do verso. **Leia Escola**, Campina Grande, v. 16, n. 2, p. 110-123, 2016.

CATUNDA, Dalinha; PINTO, Rosário. **Cordel de Saia**. [S. n.], 2011. Blogue. Disponível em: <http://cordeldesaias.blogspot.com>. Acesso em: 6 mar. 2022.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. O. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (Coleção Historial, 9).

HAURÉLIO, Marco. **Breve história da literatura de cordel**. São Paulo: Claridade, 2010. (Coleção Saber de tudo).

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2020.

HOLANDA, Arlene; RINARÉ, Rouxinol do. **Cordel: criar, rimar e letrar**. Fortaleza: Editora Imeph, 2009.

KUNZ, Martine. Rodolfo Coelho Cavalcante: um caso de peleja entre oralidade e escrita. In: CARREIRA, André Luiz Antunes N. et al. (org.). **Mediações performáticas latino-americanas**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Trabalhando com... na escola).

MORAIS, Ivonete. **Maria Bonita: a rainha do Cangaço**. Fortaleza: [s. n.], 2016.

MORAIS, Ivonete. **História das mulheres no Cangaço**: Fortaleza: Rouxinol do Rinaré Edições, 2007.

NEGREIROS, Adriana. **Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no Cangaço**. São Paulo: Objetiva, 2018.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.

PINTO, Rosário. Rosário Pinto. [S. n.], 2019. Blog. Disponível em: <http://rosarioecordel.blogspot.com/2019/02/a-escrita-feminina-na-literatura-de.html>. Acesso em: 6 mar. 2022.

QUEIROZ, Doralice Alves de. **Mulheres cordelistas: percepções do universo feminino na literatura de cordel**. 2006. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ALDR-6WEK7J>. Acesso em: 6 mar. 2022.

SANTOS, Francisca Pereira dos. **Romaria dos versos: mulheres cearenses autoras de cordéis**. Cariri: SESC, 2008.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. ed 2. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

**Recebido em:** 18 mar. 2022.

**Aceito em:** 04 mai. 2022.